

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

Área Temática: Agro-bioenergia/Biodiesel

Período de Análise: 01/10/2015 a 31/10/2015

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Carta Capital

Estagiária: Yohanan Barros

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL	4
BIODIESEL	4
Índice de biodiesel em mistura sobe para grande consumidor. Marcelo Toledo – Folha de São Paulo, Mercado. 16/10/2015	4
Cenário positivo para as vendas de biodiesel. Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 23/10/2015	4
ETANOL	6
Com reajuste, estatal tem ganho de R\$ 513 milhões mensais e ajuda etanol. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Mercado. 01/10/2015	6
Usinas pedem mais atenção ao etanol. Ana Costa – O Estado de São Paulo, Economia e Negócios. 02/10/2015	7
Produtor de MT quer 4 bi de litros de etanol de milho – Folha de São Paulo, Mercado. 03/10/2015	8
Consumo de etanol cresce 130% em Minas Gerais. Marcelo Toledo – Folha de São Paulo, Mercado. 09/10/2015	10
Raízen projeta margem maior com alta do dólar. Maria Cristina Frias – Folha de São Paulo, Colunistas. 13/10/2015	11
Preço do etanol dispara nos postos do país. Fabiana Batista –Valor Econômico, Agronegócios. 15/10/2015	12
Usina de etanol da Petrobras em Minas 'patina'. Fabiana Batista –Valor Econômico, Agronegócios. 21/10/2015	14
Preço do etanol ao consumidor subiu em 20 Estados na semana passada. Fabiana Batista –Valor Econômico, Agronegócios. 26/10/2015	15
POLÍTICA NACIONAL.....	16
ETANOL	16
Setor sucroenergético quer imposto da gasolina mais alto. Marcelo Toledo – Folha de São Paulo, Brasil. 14/10/2015	16
NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS.....	17
BIODIESEL	17
Exportações argentinas de biodiesel ressurgem após baixa de imposto. Maximilian Heath – O Estado de São Paulo, Economia e Negócios. 10/10/2015.....	17
ETANOL	18
Diretor da Cargill no Brasil será presidente de açúcar da Noble Agri. Fabiana Batista –Valor Econômico, Agronegócios. 13/10/2015	18

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL

BIODIESEL

Índice de biodiesel em mistura sobe para grande consumidor. Marcelo Toledo – Folha de São Paulo, Mercado. 16/10/2015

O CNPE (Conselho Nacional de Política Energética), vinculado ao Ministério de Minas e Energia, flexibilizou a legislação do biodiesel comprado por grandes consumidores, que poderão usar uma mistura de até 30%. Para consumidores no varejo, o índice permanece nos atuais 7%.

A resolução, publicada na quarta (14) no "Diário Oficial da União", permite também que grandes frotas de ônibus ou caminhões usem até 20% de biodiesel no abastecimento. Para o transporte ferroviário ou usos agrícola e industrial, o teto é de 30%.

O índice exato, que pode ser inferior ao teto, será definido até o fim do ano, segundo Ricardo Dornelles, diretor do departamento de combustíveis renováveis do ministério. A resolução entra em vigor em janeiro.

"O uso acima do percentual obrigatório [de 7%] até já existia, mas mediante regulamentação da ANP, que analisava caso a caso. Agora, haverá agilidade nisso, já que houve a flexibilização", diz.

Com a resolução, um empresário que tenha uma frota de 30 caminhões, por exemplo, poderá negociar diretamente com a distribuidora de combustíveis a adição de biodiesel até o limite definido pela ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis).

Embora considere uma vitória, Erasmo Carlos Battistella, presidente da Aprobio (associação de produtores de biodiesel), diz que a resolução não atende todos os pedidos do setor. "A expectativa era que fosse permitida a venda direta a grandes consumidores, mas teremos de negociar por meio dos leilões."

Embora o consumidor final possa comprar direto das distribuidoras, elas terão de adquirir o combustível nos leilões, e não diretamente dos produtores. Se o pleito tivesse sido atendido, a estimativa, segundo Battistella, era de alta de 25% nas vendas.

NOS POSTOS

Nos postos de combustíveis, permanece o índice de 7% de mistura. Segundo Dornelles, não há garantia de que os motores dos veículos suportem nível maior de biodiesel. A meta de entidades do setor é que a mistura passe para 10% nos próximos anos.

Cenário positivo para as vendas de biodiesel. Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 23/10/2015

A recente decisão do Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) de permitir o uso voluntário de biodiesel no diesel fóssil em percentuais superiores ao da mistura obrigatória de 7% reforçou o otimismo com o aumento da demanda pelo produto no

Brasil e injetou novo ânimo na indústria processadora de soja, que tem sido particularmente beneficiada pelo progressivo avanço do biocombustível no mercado interno. A expectativa da Associação dos Produtores de Biodiesel do Brasil (Aprobio) é que as vendas domésticas do produto, que tem no óleo de soja sua principal matéria-prima no país, somarão 4 bilhões de litros em 2015, 15,5% mais que em 2014 e que o volume volte a subir em 2016, pelo menos 10%.

Para Erasmo Carlos Battistella, presidente da entidade, o ritmo da atividade econômica continua a ser o fiel da balança. Previsões iniciais indicavam que, a partir do aumento do percentual de mistura para 7%, as vendas fossem alcançar 4,3 bilhões de litros em 2015, mas o consumo de diesel mineral ao qual é atrelado o biocombustível caiu com a desaceleração do Produto Interno Bruto (PIB). Como a capacidade de produção instalada chega a 7,4 bilhões de litros, o potencial de crescimento da oferta ainda é grande. "Temos fábricas e matéria-prima, mas precisamos facilitar o acesso do consumidor".

Em resolução publicada em 14 de outubro, o CNPE atendeu a um antigo pleito do segmento para flexibilizar a mistura voluntária do biocombustível. O órgão, vinculado à Presidência da República e presidido pelo ministro de Minas e Energia, autorizou a utilização de até 20% de biodiesel no diesel fóssil (B20) em frotas cativas e de até 30% (B30) no uso agrícola, ferroviário e industrial. O percentual obrigatório de mistura de 7% está fixado desde novembro do ano passado. Estudos indicam que o B7 reduz em 5% as emissões de gases de efeito estufa em relação ao 100% fóssil.

Segundo Leonardo Zilio, assessor econômico da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), a medida do CNPE torna mais "inteligente" o sistema de combustíveis no país. Isso porque permite que o biodiesel produzido no interior substitua uma parcela maior do diesel fóssil que vem do litoral, maximizando a logística e minimizando custos, sobretudo em Estados como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás. "A resolução só entra em vigor em 1º de janeiro de 2016 e ainda existem regulamentações por parte da ANP [Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis], mas o mercado já vai se preparar para o aumento de demanda".

Hoje, 78% do biodiesel no Brasil é produzido a partir do óleo de soja, o que contribuiu para mais que dobrar o consumo no país na última década, para 6,6 milhões de toneladas em 2015, estima a Abiove. Uma boa alternativa para um produto que enfrenta entraves tributários na exportação e a forte concorrência da Argentina, fortalecida por um modelo tarifário que privilegia a exportação do derivado em detrimento do grão. Adiciona-se a isso a forte disputa com o óleo de palma, sobretudo na Ásia, e a política de grandes importadores de privilegiar a compra da matéria-prima para esmagamento em suas próprias fronteiras - é o caso da China, por exemplo.

Ainda que recebida com entusiasmo pela indústria, a normativa que trata da mistura voluntária de biodiesel poderia "ter ido um pouco além", avalia a Aprobio. Havia a expectativa de que fosse avalizado o uso de 100% do biocombustível em máquinas agrícolas, uma vez que a maioria dos fabricantes já dá garantias para essa proporção.

O segmento também contava que fosse liberada a comercialização sem o intermédio das distribuidoras - que hoje adquirem o biocombustível dos produtores em leilão. "Em

vários momentos do ano, em regiões distintas, o biodiesel é competitivo em preço com o diesel para o cliente final, e queríamos a oportunidade de vender diretamente a ele", diz Battistella. A Aprobio previa que se a decisão incluísse todas essas liberações haveria uma demanda adicional de 1 bilhão de litros, mas as contas ainda não foram refeitas.

O fato é que o apetite da demanda dependerá dos preços. Segundo Battistella, o biodiesel costuma ficar mais competitivo na região central do país entre janeiro e julho, com a maior oferta advinda da colheita de soja. Mas a relação está mais vantajosa mesmo agora, em outubro.

Na semana até 17 de outubro, o preço médio do diesel S10 (com menor teor de enxofre) nas distribuidoras em Rondonópolis (MT) foi de R\$ 2,918 por litro. Já o preço médio do biodiesel vendido em leilão por produtores do Estado, destinado ao abastecimento em novembro e dezembro, ficou em R\$ 2,656 por litro - mais atraente, portanto, que o do derivado do petróleo.

Zilio, da Abiove, ressalta que a "esticada" do câmbio neste segundo semestre diminui a competitividade do biodiesel, uma vez que os preços do produto são balizados pela cotação do óleo de soja na bolsa de Chicago, precificado em dólar. Contudo, a Petrobras também está mais ativa nos reajustes do diesel para fazer frente à disparada da moeda americana. "Sem dúvida, será uma relação dinâmica ao longo dos próximos anos. Quando for economicamente mais acessível, o mercado evoluirá na mistura", diz ele, que reforça a disposição do setor em persistir na batalha pela aprovação do B10 na mistura obrigatória até 2020.

ETANOL

Com reajuste, estatal tem ganho de R\$ 513 milhões mensais e ajuda etanol. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Mercado. 01/10/2015

A Petrobras, que praticamente aniquilou o setor de etanol nos últimos anos, começa a dar alívio às usinas.

Com uma política errática e de contenção de reajustes do governo para segurar a inflação, a empresa provocou uma perda de competitividade do etanol e colocou os custos de produção acima dos valores de venda.

Agora, a Petrobras começa a reajustar preços para diminuir o rombo causado nos últimos anos. Pior, eles se acentuariam com o câmbio a R\$ 4.

Com o aumento de 6%, o litro de gasolina sai da empresa a R\$ 1,75, com valorização de R\$ 0,0869 desde esta quarta-feira (30).

Esse mesmo valor poderá ser incorporado pelo etanol, uma vez que a alta da gasolina permite um ajuste também no derivado de cana sem perda de competitividade.

O valor, no entanto, ainda é bem pequeno em relação ao que o setor perdeu no período em que a Petrobras praticou preços internos defasados em relação ao exterior.

No caso do diesel, cujo valor do litro sobe para R\$ 1,75 nas refinarias com o reajuste de 4%, o aumento do produto será de R\$ 0,0675 por litro.

A nova pressão de preços na gasolina deixará o etanol ainda mais competitivo em várias regiões do país. O consumo, que é crescente, deverá acelerar ainda mais. A demanda e o volume de etanol disponíveis vão determinar os novos preços do produto.

Com a corda no pescoço, a Petrobras viu a necessidade de reajustar preços. A gasolina, cujo consumo é de 2,4 bilhões de litros por mês, deverá trazer receita extra mensal de R\$ 209 milhões à empresa.

Já o reajuste do diesel, cujo consumo mensal é de 4,5 bilhões de litros, dará um alívio de R\$ 304 milhões nas contas da estatal. Ou seja, o reajuste dos dois produtos vai gerar receitas extras de R\$ 513 milhões para a companhia.

Os novos patamares de preços internos vão colocar novamente a gasolina e o diesel com valores superiores aos do mercado externo.

No caso da gasolina, a defasagem de 3%, verificada na semana passada, passa a ser positiva em 2,9%. Já o diesel, que tinha ganho de 11,7% na comparação entre os preços internos e externos, verá essa vantagem ir para 16,2%.

Com o câmbio atual, esses percentuais vão gerar uma margem positiva sobre os preços internacionais de R\$ 1,2 bilhão para a Petrobras.

Esse aumento de preços nos combustíveis ainda poderá ser um caminho aberto para o reajuste da Cide (o imposto dos combustíveis).

Até então, um aumento da Cide –que não traz vantagens à estatal– dificultaria esse reajuste, que injeta recursos no caixa da estatal.

Usinas pedem mais atenção ao etanol. Ana Costa – O Estado de São Paulo, Economia e Negócios. 02/10/2015

Política de incentivo ao biocombustível foi abandonada, gerando grave crise no setor

Em um universo de 435 usinas de açúcar e álcool no País, 44 foram fechadas nas últimas 5 safras e outras 12 podem encerrar a moagem de cana em 2014/2015, extinguindo 100 mil postos de trabalho. "O endividamento dessas empresas equivale ao valor da produção de uma safra. Mais de 50 estão em recuperação judicial", aponta a Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).

A União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) complementa, dizendo que "a dívida líquida média das empresas sucroalcooleiras supera seu faturamento bruto anual; além disso, quase 15% da receita está comprometida com o pagamento de juros". É este o panorama desde que o setor sucroalcooleiro - e seu principal produto, o etanol combustível - foi preterido nas políticas energéticas.

Sem lucro. Segundo a Unica, companhias de grande porte já sinalizam a disposição de deixar a atividade. "O que atrai o empresário é o lucro, e para que isso volte a acontecer tem que resolver a questão do etanol hidratado (aquele vendido ao consumidor nos postos de combustível)", afirma Antônio de Pádua Rodrigues, diretor técnico da Unica.

Para ele, políticas que definam e mantenham a participação do etanol hidratado na matriz nacional de combustíveis resolveriam 90% dos problemas do segmento. O caso do etanol anidro (que é misturado à gasolina), justifica Pádua, já é um mercado regulado e inserido na matriz de combustíveis do Brasil. Para resolver a questão do hidratado, o diretor comenta que "a primeira regra é transparência na formação do preço da gasolina. Sem uma regra clara de como a gasolina - que concorre diretamente com o hidratado - vai se comportar nas próximas décadas, fica difícil investir nesse mercado", diz.

Imposto. A partir do conhecimento da política de preços da Petrobrás, a Unica defende um imposto que diferencie o etanol da gasolina, como foi o caso da Cide (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico). O tributo, que vigorou até 2008, inseria R\$ 0,28 por litro na venda da gasolina pura pela refinaria. A volta da Cide é a principal reivindicação do setor. "Esses R\$ 0,28 é que fizeram com que fossem instaladas de 2004 a 2008 mais de cem usinas no País. A política de valorização do etanol hidratado foi abandonada", diz.

Segundo o diretor, tendo mais canaviais, a cogeração de energia é consequência, tornando a matriz energética brasileira mais renovável ainda. "É muito difícil, porém, expandir a oferta de energia a partir da biomassa da cana, sem expansão de canaviais", diz Pádua. "E essa expansão só ocorrerá com incentivo ao etanol hidratado."

Biodiesel. Já o setor de biodiesel - outro biocombustível, feito a partir de óleo de soja, sebo bovino, óleo de algodão, e óleo de cozinha - propõe que a mistura do biodiesel ao diesel atinja 10%, ante 7% atualmente. "Isso reduziria enormemente o custo da saúde pública, por causa da poluição menor", defende o diretor superintendente da Associação dos Produtores de Biodiesel do Brasil (Aprobio), Júlio Minelli.

Produtor de MT quer 4 bi de litros de etanol de milho – Folha de São Paulo, Mercado. 03/10/2015

Produtores de Mato Grosso desenvolvem, com o governo do Estado, um programa de transformação do excesso de milho da região em etanol.

O programa só avança com apoio do governo, principalmente com um escalonamento das taxas de impostos.

Esse incentivo poderia elevar a produção de etanol de milho em usinas flex para 1,3 bilhão de litros, superando a de álcool provindo da cana, hoje em 1,1 bilhão de litros.

Mato Grosso já produz etanol derivado de milho, mas a produção é pequena e limitada a poucas usinas.

Glauber Silveira, diretor da Aprosoja, acredita que, se parte do milho produzido for convertida em etanol, ganhariam produtores e Estado.

Na safra 2014/15, a produção foi de 20,3 milhões de toneladas. Desse volume, 3,6 milhões foram consumidos no Estado, com as exportações atingindo 13,9 milhões.

Estudo do Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Aplicada) indica que o faturamento bruto de 10 milhões de toneladas de milho exportadas é de R\$ 2,7 bilhões,

e o Estado não tem arrecadação devido à isenção de ICMS das exportações de commodities.

Mas, com a transformação de 10 milhões de toneladas do cereal em etanol, esse valor – incluindo subprodutos e cogeração de energia– subiria para R\$ 12,5 bilhões, com ganhos para produtores, Estado e demais setores interligados ao agronegócio.

A cogeração de energia traria arrecadação estimada em R\$ 698 milhões ao Estado e seria responsável por 8 milhões de MWh (megawatt-hora) por ano de eletricidade,

Silveira diz que esses 10 milhões de toneladas de milho colocariam 4 bilhões de litros de etanol no mercado e 2,3 milhões de toneladas de DDGS, subproduto que serve para a complementação alimentar de animais.

O estudo indica que a disponibilidade dessa matéria-prima (DDGS) possa ser destinada para a pecuária de Mato Grosso, Centro-Oeste e exportações geraria receita anual de R\$ 1,2 bilhão.

A industrialização de milho nesse patamar elevaria a área de plantio de eucalipto do Estado para 951 mil hectares. A industrialização do cereal necessita do eucalipto.

Pelo preço atual, usinas e armazéns que usam o eucalipto para a secagem de grãos gerariam R\$ 3 bilhões por ano para os produtores de lenha. A área atual de plantio no Estado é de 187 mil hectares.

O aumento da produção de etanol de milho pleiteado pelos produtores já foi entregue ao governo do Estado, mas só é viável com uma isenção fiscal escalonada para o setor.

A produção de uma usina dedicada apenas à produção de etanol de milho fica inviável com ICMS de 25%. Para cada R\$ 1 investido, há um prejuízo de R\$ 0,72.

Um programa de incentivo do governo, com uma taxa de 3%, tornaria viável o investimento e geraria receitas de US\$ 180 milhões para o Estado. O investidor teria retorno de R\$ 5,2 por R\$ 1 investido.

Com o amadurecimento dos projetos, o governo estadual colocaria taxas crescentes de impostos.

Em um patamar de 7%, por exemplo, a arrecadação estadual seria de R\$ 420 milhões, e o produtor ainda teria um retorno de R\$ 3,98 por cada R\$ 1 investido.

Mato Grosso utiliza atualmente 220 mil toneladas de milho para a produção de etanol, que atinge 88 mil litros.

Glauber diz que o etanol de milho viria cobrir as necessidades de consumo no Estado e permitiria a colocação desse produto em outras regiões, diminuindo a necessidade de importação de gasolina.

Uma tonelada de milho gera de 345 a 395 litros de etanol e desse processo de industrialização a usina extrai de 220 a 240 quilos de DDGS.

Máximas Apesar de o etanol hidratado ter ficado em uma média de R\$ 2,087 por litro nesta semana nos postos de São Paulo, os consumidores paulistanos já pagam até R\$

2,30 pelo litro do produto. É o que indica pesquisa semanal da Folha feita em 50 estabelecimentos da capital paulista.

Mínimas Alguns postos de abastecimento de São Paulo, no entanto, não reajustaram os preços do etanol. A pesquisa da Folha ainda registra o preço do hidratado em R\$ 1,79, bem abaixo da média dos demais postos.

Gasolina Alguns postos aceleram os aumentos e já praticam até R\$ 3,54 por litro na capital paulista. Outros, no entanto, não reajustaram preços, que são de R\$ 2,89 por litro, conforme a pesquisa semanal da Folha.

Café A crise política e econômica brasileira provocou mais uma semana de volatilidade nos preços do café em Nova Iorque. Além disso, os problemas climáticos em várias regiões do Brasil aumentaram os fatores de preocupação do mercado.

Físico A avaliação é de analistas do Escritório Carvalhaes, de Santos (SP). Mas, segundo eles, houve falta de lotes de café arábica de melhor qualidade no mercado físico, o que continua preocupando os compradores.

Soja O mercado fechou com recuo de preços de 1,7% nesta semana, caindo para US\$ 8,74 por bushel (27,2 quilos) no primeiro contrato. Já o milho se manteve estável na semana, terminando o período em US\$ 3,89 por bushel em Chicago. O trigo teve alta de 1,1%.

Etanol hidratado sobe 12% nas usinas e 5% nos postos

O aumento de gasolina desta semana provocou uma forte reação também nos preços do etanol. Nos postos da cidade de São Paulo, o consumidor está pagando 4,77% mais pelo produto, que foi a R\$ 2,087 por litro.

Já o litro da gasolina foi para R\$ 3,232, com alta de 3,13%, conforme pesquisa da Folha. O aumento promovido pela Petrobras na última quarta-feira (30) foi de 6%.

Com esses novos aumentos dos combustíveis, a paridade do etanol em relação à gasolina subiu para 64,6%.

Nesse patamar, o álcool ainda é favorável em relação à gasolina nos postos da capital paulista. Pesquisas indicam que o valor do derivado de cana é vantajoso ao do derivado de petróleo em até 70%, dependendo do tipo de veículo.

As usinas também aproveitaram o reajuste de preços da gasolina para aumentar os do etanol. O hidratado subiu para um valor médio de R\$ 1,46 nesta semana, 12,3% mais do que na anterior.

Já o anidro, ao ser comercializado a R\$ 1,5765 por litro, teve valorização de 10,2%. Os dados são do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada).

Consumo de etanol cresce 130% em Minas Gerais. Marcelo Toledo – Folha de São Paulo, Mercado. 09/10/2015

Os mineiros estão sendo responsáveis por "salvar" a safra para usinas de etanol e açúcar do centro-sul do país. O consumo de etanol no Estado saltou 130,4% de janeiro a agosto deste ano na comparação com igual período do ano passado.

A demanda cresceu a partir de março, quando o governo estadual reduziu o ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços) sobre o etanol de 19% para 14% e elevou a alíquota sobre a gasolina de 27% para 29%.

Segundo dados da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis), o consumo de etanol em Minas atingiu 1,075 bilhão de litros de janeiro a agosto, ante 466,99 milhões de litros nos primeiros oito meses de 2014.

Até agosto, foram vendidos 11,5 bilhões de litros de etanol no país: São Paulo demandou 6,18 bilhões, seguido por Paraná (1,09 bilhão) e Minas. No Paraná, que cobra 18% de ICMS sobre o biocombustível, o crescimento foi de 42,3% de janeiro a agosto deste ano.

A ampliação do mercado é vista como forma de dar vazão à produção das 37 usinas em operação no Estado –8 fecharam nos últimos anos–, que devem gerar 1,8 bilhão de litros de etanol nesta safra.

"A grande notícia neste ano, além da recomposição da Cide, foi o diferencial tributário criado em Minas, que trouxe esse mercado para o etanol", diz Mário Ferreira Campos Filho, presidente da Siamig (Associação das Indústrias Sucroenergéticas de Minas Gerais).

O consumo de gasolina no Estado caiu 11,4%, para 2,878 bilhões de litros. O etanol é vantajoso se custar até 70% do preço da gasolina.

Na semana encerrada em 3 de outubro, o etanol foi vendido em Minas a R\$ 2,098, ante os R\$ 3,267 da gasolina. Na capital paulista, na semana passada o etanol custava R\$ 2,004, ante os R\$ 3,120 da gasolina, segundo a ANP.

Raízen projeta margem maior com alta do dólar. Maria Cristina Frias – Folha de São Paulo, Colunistas. 13/10/2015

A fabricante de açúcar e etanol Raízen -joint venture entre a Cosan e a Shell- projeta um aumento de suas margens nos próximos meses em decorrência da alta do dólar.

A cotação da moeda deverá favorecer os resultados da empresa, que exporta cerca de 60% do açúcar produzido e que teve uma queda de 20,2% nas vendas da mercadoria entre abril e junho em relação ao mesmo período do ano anterior.

"Com certeza, a margem vai aumentar. A desvalorização do real dará competitividade ao nosso açúcar", afirma o vice-presidente da companhia Pedro Mizutani, sem especificar a magnitude do incremento esperado.

"O preço da gasolina mais alto também deverá ajudar [no desempenho da Raízen] ao elevar a demanda de etanol", acrescenta o executivo.

O setor sucroalcooleiro passa por uma crise decorrente da desaceleração econômica brasileira e, sobretudo, do excesso de oferta de açúcar no mundo e dos custos de produção superiores aos valores de comercialização.

"Para nós, este ano já deverá ser melhor do que o passado, mas tem empresas com dificuldades que não possuem nem cana para moer."

Para incentivar a produção de cana, a Raízen fechou uma parceria com o ItaúBBA que disponibilizará R\$ 150 milhões em crédito aos produtores parceiros da empresa.

A iniciativa não foi criada por causa da redução de crédito no país, segundo Mizutani. "Faz parte de um programa desenvolvido para fidelizar o produtor de cana."

O convênio oferecerá um crédito de até R\$ 2,2 milhões por pessoa. A Raízen produz cerca de 4,1 milhões de toneladas de açúcar por ano.

*

Talento de sobra

A crise econômica reduziu as oportunidades para profissionais qualificados no Brasil, segundo uma pesquisa realizada pela consultoria Hays em parceria com a Oxford Economics.

Em 2015, a nota do Brasil foi de cinco pontos (em escala que varia de zero a dez e na qual números maiores indicam mais oportunidades). O resultado é 0,4 abaixo do registrado em 2014, sobretudo pelo impacto da recessão no mercado de trabalho.

A pontuação dada aos 31 países analisados é baseada em indicadores como participação no mercado de trabalho, flexibilidade, incompatibilidade de talentos e pressão salarial em posições e indústrias especializadas.

Ao contrário do que é notado no país, em nível global, a disputa por talentos tem se intensificado, e os empregadores estão novamente dispostos a pagar por habilidades que estão em falta, de acordo com a Hays.

A média global foi de 5,4 pontos, alta de 0,1 ante 2014.

*

Confiança distante

O empresário do Rio Grande do Sul está mais pessimista. Em setembro, o índice de confiança do comerciante caiu 24,4% ante o mesmo período do ano passado, segundo dados da Fecomércio-RS.

A crise econômica também afeta a perspectiva de contratação de temporários. Dos trabalhadores admitidos, só 22,1% deverão ser efetivados. Em 2014, eles eram 50,4%.

"O pessimismo é notado desde o início deste ano e já reflete na intenção de contratação", diz Luiz Carlos Bohn, presidente da federação.

Preço do etanol dispara nos postos do país. Fabiana Batista –Valor Econômico, Agronegócios. 15/10/2015

Em uma semana, os motoristas de São Paulo, maior Estado consumidor de combustíveis do país, passaram a pagar, em média, 10% mais pelo etanol hidratado, que é usado diretamente no tanque dos veículos. A tendência é que novos reajustes de preço na usina de cana-de-açúcar sejam repassados nos próximos dias. A crescente valorização do hidratado no varejo tende a arrefecer a demanda pelo produto, provocando uma migração de consumo para a gasolina.

Os dados apresentados nesta semana pela Agência Nacional de Petróleo (ANP) referentes ao período de 4 a 10 de outubro mostraram que, em média, o preço do biocombustível nos postos do Estado de São Paulo subiu 9,8% sobre a semana anterior, para R\$ 2,201 o litro. Com isso, a paridade com a gasolina, antes em 63%, saltou para 67%, aproximando-se do limite de 70% do preço da gasolina - o que torna indiferente para o consumidor abastecer com o biocombustível ou com o derivado fóssil.

Nas quatro semanas que antecederam o reajuste de 10 de outubro nos postos paulistas, os preços do hidratado na usina em São Paulo já haviam subido 16%, para R\$ 1,46 o litro, conforme o indicador semanal Cepea/Esalq. Além disso, houve o impulso do reajuste de 6% no valor da gasolina na refinaria.

Nos postos, os preços do etanol foram repassados aos poucos, ao longo desse mesmo intervalo. Em três semanas, a alta acumulada do produto foi de 6,3%. Mas na quarta semana (a passada), o repasse foi, de uma só vez, de 9,8%.

A alta de preços ao consumidor só não ocorreu em Alagoas e em Sergipe, Estados que estão iniciando a moagem de cana de 2015/16. Em todos os outros, houve reajuste nos postos, o que tende a trazer um impacto no consumo de hidratado a partir deste mês. Uma queda mais representativa é vista como provável de novembro em diante, na avaliação da consultoria FG Agro.

Atualmente no patamar de 1,5 bilhão de litros, essa demanda mensal tende a se aproximar do patamar de 1,2 bilhão, segundo a consultoria. Mesmo porque ainda há mais repasses para acontecer nos postos de combustíveis. Na última sexta-feira, o litro do hidratado na usina voltou a ter forte alta, ainda não refletida nos preços do varejo. O indicador Cepea/Esalq para o hidratado subiu 4,17% na última semana na usina, para R\$ 1,5210 o litro. "A demanda de 1,2 bilhão de litros mensais será suficiente para consumir a oferta de etanol da safra", avaliou o especialista da FG Agro, Willian Hernandes.

O mercado brasileiro de etanol tende a ter outras surpresas nos próximos meses, vindas do exterior. Ontem, a consultoria Datagro elevou sua estimativa para a exportação do etanol do Brasil para 1,8 bilhão de litros em 2015/16, contra 1,09 bilhão estimados anteriormente. O aumento veio do Centro-Sul, para o qual a Datagro prevê embarque de 1,65 bilhão de litros - a estimativa anterior era de 1,05 bilhão de litros.

A demanda maior pelo produto brasileiro se reflete nos preços pagos no mercado americano, em especial na Califórnia, que aprovou a readoção do programa de redução de emissões de carbono, disse o presidente da Datagro, Plínio Nastari. Esses valores estão em níveis de R\$ 1,85 por litro (para as usinas que não têm cogeração) - 8,8% acima do registrado no mercado interno na última sexta-feira. "Para o próximo ano, os

embarques do Brasil para o mercado da Califórnia podem superar 900 milhões de litros", estimou Nastari.

Usina de etanol da Petrobras em Minas 'patina'. Fabiana Batista –Valor Econômico, Agronegócios. 21/10/2015

Mais de cinco anos se passaram desde que a Bambuí Bioenergia começou a produzir etanol, em 2010, e a unidade, que tem como sócia a Petrobras Biocombustível, continua a processar volumes bem abaixo de sua capacidade. E esse não é o único problema. Com prejuízos sucessivos, decorrentes da baixa remuneração com o biocombustível e de perdas climáticas, a Bambuí teve que recorrer aos bancos credores para renegociar dívidas e obter crédito para se manter em operação.

Segundo fontes de mercado, esse é apenas um dos sinais que comprovam o atual desinteresse da estatal pelo segmento de etanol. Considerando a unidade mineira, a Petrobras detém, ao todo, participação em nove usinas no Centro-Sul.

Em 15 de dezembro, a Bambuí, com sede no município mineiro de mesmo nome, deverá encerrar a safra 2015/16 com moagem de 1,3 milhão de toneladas de cana, uma ociosidade de 48%. José Geraldo Ribeiro, sócio da Turdus Participações que controla a usina, disse que a unidade tem condições de moer 2,5 milhões de toneladas por ano e cogear 30 megawatts de eletricidade a partir do bagaço. Mas a falta de investimentos dos sócios e o clima adverso vêm impedindo que a empresa alcance seu potencial. A seca no Centro-Sul no primeiro trimestre de 2014 reduziu em 30% a produtividade dos canaviais, conforme Ribeiro.

No verão deste ano, as chuvas até ajudaram, mas a falta de dinheiro para os tratamentos culturais reduziu a oferta do canavial a 1,3 milhão de toneladas, frente ao potencial estimado de 1,6 milhão, disse o empresário. A falta de cana também vem mantendo a cogeração em 20 MWh. "Na minha visão, a Petrobras já decidiu sair do setor de etanol. Mas ainda não formatou a maneira pela qual fará isso", afirmou Ribeiro ao Valor.

Em nota, a Petrobras Biocombustível informou que "não deliberou, em nenhuma instância", sobre a sua saída da Bambuí Bioenergia. Afirmou, ainda, que acompanha, em "conjunto com o sócio e respeitando as regras de governança da sociedade, as melhores soluções para o negócio, considerando o atual cenário do setor de etanol".

A percepção de desinteresse da estatal é anterior à crise atual pela qual atravessa. Por conta disso, já em 2013 Ribeiro contratou o banco Credit Suisse para assessorá-lo na venda de sua participação de 56,6% na Bambuí. Nada foi fechado. "Não era o momento. Mas ainda não desisti", afirmou.

Nas contas do empresário, desde que o projeto foi anunciado até a construção da usina e da planta de cogeração, foram investidos R\$ 550 milhões - R\$ 170 milhões pela Turdus, R\$ 150 milhões pela Petrobras e a diferença (R\$ 230 milhões) captada com instituições financeiras.

Em 31 de março deste ano, o endividamento bancário da Bambuí era de R\$ 412 milhões, sendo R\$ 186 milhões de vencimento no curto prazo. A condição dos bancos credores, liderados pelo Banco do Brasil, para concluir a repactuação foi a realização de

um aumento de capital pelos sócios para reduzir o endividamento em R\$ 50 milhões. Esse montante foi injetado pela Turdus Participações, conforme Ribeiro, que o fez por meio de um adiantamento para futuro aumento de capital.

A Bambuí foi a primeira usina de etanol a ter uma participação da Petrobras Biocombustível no país. Pela fatia de 43,58%, a estatal aportou R\$ 154,7 milhões. A aquisição, anunciada no fim de 2009, foi sucedida de outras duas parcerias da estatal no segmento sucroalcooleiro, com Guarani e São Martinho.

Nas duas companhias, a Petrobras investiu R\$ 1,986 bilhão - 1,554 bilhão na Guarani e R\$ 432 milhões na Nova Fronteira (joint venture com a São Martinho) - para deter participações de 42,9% e 49%, respectivamente. No dia 30 deste mês vencerá o prazo para o último aporte que a estatal fará na Guarani. Com mais R\$ 250 milhões, a Petrobras Biocombustível elevará sua fatia na companhia, controlada pela Tereos Internacional, a 45,7%.

Com a São Martinho, o plano inicial da Petrobras, anunciado em 2010, era levar a moagem da única usina da Nova Fronteira, a Boa Vista, localizada em Quirinópolis (GO), para 8 milhões de toneladas. No entanto, o cenário negativo para a rentabilidade do etanol fez com que as companhias, ao fim da primeira etapa de expansão, para 4 milhões de toneladas, anunciassem o adiamento da segunda fase do projeto.

As nove usinas nas quais a Petrobras tem participação somam capacidade para produzir 1,5 bilhão de litros de etanol por ano. Em 2014/15, fabricaram 1,2 bilhão. Em 2014, a Petrobras Biocombustível informou que apenas a Nova Fronteira havia registrado lucro líquido, de R\$ 70,8 milhões. A Bambuí e a Guarani registram perdas de R\$ 70,8 milhões e R\$ 91,3 milhões, respectivamente.

Preço do etanol ao consumidor subiu em 20 Estados na semana passada. Fabiana Batista –Valor Econômico, Agronegócios. 26/10/2015

SÃO PAULO - Os preços do etanol hidratado, que é usado diretamente no tanque dos veículos, voltaram a subir nos postos de combustíveis da maior parte do país, reduzindo a competitividade do produto frente ao seu concorrente, a gasolina. Conforme levantamento da Agência Nacional de Petróleo (ANP), na última semana, os preços médios do biocombustível subiram ao consumidor em vinte Estados. Com isso, a vantagem econômica de se abastecer com hidratado, antes existente em cinco Estados, passou a se restringir a três.

Além de em São Paulo, permanece vantajoso usar etanol em Mato Grosso e em Minas Gerais. Isso acontece quando o preço do biocombustível equivale a menos de 70% do preço da gasolina.

No Paraná e em Goiás, essa relação, antes vantajosa ao biocombustível, atingiu o ponto de indiferença, ou seja, 70%, quando, do ponto de vista econômico, é irrelevante abastecer com etanol ou gasolina.

Já os motoristas de carros flex de Mato Grosso do Sul perderam na última semana a vantagem econômica de abastecer com etanol. Entre 18 e 24 de outubro, o preço médio do biocombustível subiu 0,37%, enquanto que, a gasolina, recuou 0,40%. Com isso, a

paridade, antes no ponto de indiferença, foi a 71,5%, tornando o concorrente fóssil mais vantajoso.

Em São Paulo, maior centro consumidor de combustíveis do país, o preço médio do hidratado subiu 0,8%, enquanto a gasolina ficou estável. A paridade, antes em 68,2%, subiu a 68,7%.

Entre os vinte Estados onde houve valorização dos preços, a maior alta foi observada em Mato Grosso e em Goiás. Entre os dias 18 e 24 de outubro, o preço médio do hidratado subiu 4,46% nos postos mato-grossenses e 3,71% nos de Goiás, frente à semana anterior, conforme a ANP.

O reajuste dos preços nos postos reflete a valorização do produto na usina. O indicador Cepea/Esalq para o hidratado em São Paulo subiu 1%, a R\$ 1,5451 o litro na semana entre 19 e 23 de outubro. Em cinco semanas, a valorização acumulada é de 18,8%.

POLÍTICA NACIONAL

ETANOL

Setor sucroenergético quer imposto da gasolina mais alto. Marcelo Toledo – Folha de São Paulo, Brasil. 14/10/2015

Apesar do crescimento na venda de etanol combustível em Estados como Minas Gerais neste ano, o setor sucroenergético crê que poderia vender mais e tornar o álcool ainda mais rentável se o governo federal ampliasse o valor da Cide (imposto da gasolina).

Após pressionar pela volta da cobrança, em vigor desde o primeiro semestre, agora o setor busca a ampliação do valor. A lógica dos empresários é que, com a gasolina ainda mais cara, o etanol será mais competitivo, fazendo as usinas venderem mais e, consequentemente, dando mais lucro ao setor.

A justificativa é a de que, com maior remuneração, o setor sucroenergético terá oportunidade de voltar a investir, o que não ocorreu nos últimos anos.

Para Mário Ferreira Campos Filho, 33, presidente da Siamig (Associação das Indústrias Sucroenergéticas de Minas Gerais), o ajuste fiscal da União deveria contemplar a ampliação da cobrança.

“A Cide, quando foi criada, em 2002, representava R\$ 0,28 por litro, e hoje equivale a R\$ 0,10. Se subir, o setor terá mais condição de rentabilidade para voltar a investir”, disse ele, que aponta a “inteligência da escolha” e o “caráter ambiental” como motivos para ampliar a Cide.

O setor sucroenergético estima que o endividamento das usinas chegue a R\$ 80 bilhões, ou 120% do faturamento total do setor em uma safra.

Nos últimos sete anos, cerca de 60 usinas já deixaram de moer cana-de-açúcar no país.

Para Celso Torquato Junqueira Franco, presidente da Udop (União dos Produtores de Bioenergia), o pedido de reajuste da Cide, já apresentado a membros do Legislativo e do

Executivo, foi determinado por técnicos ambientais, e o país necessita de soluções que mantenham atividades econômicas importantes.

“Temos algumas travas no setor, e a ampliação da Cide ajudará a mudar isso”, disse.

NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS

BIODIESEL

Exportações argentinas de biodiesel ressurgem após baixa de imposto. Maximilian Heath – O Estado de São Paulo, Economia e Negócios. 10/10/2015

As exportações de biodiesel da Argentina aumentaram acentuadamente a partir de maio com uma redução no imposto de venda ao exterior e devem ter forte crescimento ante as previsões iniciais, disse o chefe da Câmara Argentina de Biocombustíveis (Carbio).

A Carbio estimou que as exportações argentinas poderão chegar a 1,4 milhão de toneladas este ano, em comparação com 700 mil toneladas previstas em março, antes de o governo reduzir o imposto no país, um dos maiores fornecedores globais do biocombustível.

Os embarques de país sul-americano entraram em declínio desde 2012, como resultado de barreiras para vendas para a União Europeia, que era a principal compradora e que, depois de uma série de controvérsias, passou a aplicar uma tarifa alta ao combustível da Argentina, a quem acusa de "dumping".

O governo argentino cortou em maio, para 11 por cento, o imposto de exportação sobre o biodiesel, ante 21 por cento, com o objetivo de promover uma indústria que, antes da medida da UE, chegou a embarcar até 1,7 milhão de toneladas de biocombustível em 2011, segundo dados oficiais.

"Até abril as exportações foram muito baixas e, a partir do ajuste que foi feito no nível de retenção (impostos de exportação), isso permitiu que nos colocássemos em uma situação internacional competitiva, podendo exportar o produto em bons níveis", disse à Reuters Luis Zubizarreta, presidente da Carbio.

De acordo com a câmara, a Argentina deve exportar um total de 1,4 milhão de toneladas de biodiesel em 2014, graças à decisão do governo. A produção do biocombustível deverá ser de 2,35 milhões de toneladas, ante 1,8 milhão que a Carbio havia previsto no início deste ano.

"Nós ainda não estamos operando a 100 por cento, mas a indústria, mais uma vez, está funcionando bem", disse Zubizarreta.

No final de novembro do ano passado, a UE aplicou uma tarifa média de 24,6 por cento por cinco anos às importações de biodiesel da Argentina, sob a acusação de "dumping".
[NL2N0J614L]

O movimento foi devastador para a indústria de biodiesel Argentina.

O governo argentino levou a disputa à Organização Mundial do Comércio, com o argumento que as indústrias não faziam dumping, dizendo que a decisão da UE era puramente protecionista.

Agora, a redução do imposto de exportação biodiesel melhora a competitividade do biocombustível e os embarques do país têm subido ao maior nível em dois anos.

TEMORES

No entanto, as preocupações persistem no setor.

O governo argentino realizou nos últimos meses aumentos na taxa de exportação de biodiesel, que atualmente está em cerca de 17 por cento, o que, de acordo com Zubizarreta, gerou novas incertezas sobre embarques do biocombustível.

"Depois da baixa (em maio), houve alguns ajustes novamente, e hoje, com este nível de retenção em cerca de 17 por cento, nós estamos em um nível onde números não são mais tão claros", disse Zubizarreta.

O governo aplica um sistema fiscal variável para o biodiesel, no qual o imposto de exportação varia de acordo com as mudanças nos preços de referência, entre outros fatores.

ETANOL

Diretor da Cargill no Brasil será presidente de açúcar da Noble Agri. Fabiana Batista –Valor Econômico, Agronegócios. 13/10/2015

O diretor de Açúcar e Etanol da Cargill no Brasil, Marcelo Andrade, deixou a companhia e assumirá no dia 19 a presidência da área global de açúcar da asiática Noble Agri, controlada pela gigante chinesa Cofco.

Além da Cevasa, localizada em São Paulo e na qual a Cargill detém 63% de participação, Andrade também estava à frente das duas usinas da SJC Bioenergia, joint venture com o grupo paulista USJ. Nessa empresa, Andrade ocupava o cargo de presidente do conselho de administração.

Na safra 2014/15, as três usinas nas quais a americana tem participação processaram 9,2 milhões de toneladas de cana. A múlti também prevê concluir em 2016 a ampliação da capacidade de produção de etanol em uma das usinas goianas a partir da utilização do milho como matéria-prima durante a entressafra da cana.

Conforme fontes do mercado, a Cargill, por meio da sua gestora Black River (em fase de separação de suas operações da multinacional) também negocia a compra das duas usinas do grupo Ruetter, em São Paulo.

Já a Noble Agri, controlada pela Cofco, detém quatro usinas de cana-de-açúcar no Centro-Sul do Brasil que processam cerca de 13 milhões de toneladas de cana por safra.

Procurada, a Cargill confirmou a saída do executivo.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Armando Fornazier, Catia Grisa, Claudia Job Schmitt,
Fábio Luiz Búrigo, Georges Flexor, Jorge Romano,
Karina Kato, Lauro Mattei, Leonilde Medeiros,
Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf,
Silvia Zimmermann, Valdemar João Wesz Junior

Assistentes de Pesquisa

José Renato S. Porto

Secretária

Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

cpda **Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais**
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 - r. 214

Fax: 21 2224 8577 - r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa